

A abreviação das horas deve ser reparada pela alteração do Horário Comercial

A abreviação das horas, decretada pelo governo da República, veio unicamente trazer-nos confusão e um deslocamento desabitual ao costumeiro horário comercial. Não se compreende como se deve adaptar tão abrupta e espaçosa diferença de tempo, a uma cidade em que o sol, às 5 da tarde (pela "hora do verão"), ainda tem que vencer 1/4 de

sua trajetória.

O sistema de Hora vigente, não atende, em absoluto, aos nossos costumes, e vem em detrimento do comércio local. Consideremos um dia de feira: o movimento comercial até 11 horas (10, normalmente) será, como anteriormente, de pouca monta. Às 17 horas (16 para o matuto) porém, a feira ainda não tem chegado ao tér-

mo.

Poderíamos, sem transigir o tempo oficial, reparar o sucesso das horas, criando o seguinte horário:

8 às 12

14 às 18

A Escola Técnica de Comércio o Cine-Teatro-Moderno, os demais estabelecimentos de ensino e centros de diversões apoiariam a nossa sugestão.

A CLASSE

ÓRGÃO DA ASSOCIAÇÃO DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO DO CRATO

Ano VI = CRATO — CEARÁ — 4 DE DEZEMBRO DE 1949 — N.º 16

CONVERSANDO

Vinha de longe a doença do Coronel Zuca Simplicio. A molestia vieram se juntar agora as contrariedades pela maluqueira da vida a que o filho se estava entregando na Capital, aonde fôra estudar.

A hipertrofia de seu coração de velho carecia sossego. Entretanto ali estava a carta do compadre denunciando tim-tim por tim-tim as maluquegens do filho.

De madrugada um rasga-mortalhas cantou tres vezes nas biqueiras do alpendre. Dona Senhora ouvindo a ave agourenta sentiu um nó na garganta. Fora, no alpendre, Zé Rogerio pigarreou.

O dia amanheceu triste e prometia transmutar-se em tragico. Sim, por que um beija-flor esvoaçou por tres vezes sobre o pé de cravo do Coronel Zuca. Dona Senhora viu. Zé Rogerio também.

À tarde, com o coração anuviado, Da Senhora chamou:

— Zé Rogerio vá á cidade trazer o Padre para confessar o Coronel.

Montado no alazão campelro e puxando o tordilho da sela do

Coronel, partiu Zé Rogerio estrada fora vencendo o caminho.

De repente o alazão estacou! Afilou as orelhas. Com movimentos rapidos, escalavrou o chão por tres vezes e por tres vezes relinchou.

Zé Rogerio pensou:

— O Coronel morreu. Nunca esse cavalo fez isso sem bêsta por perto. Olhou o céu retomou a marcha mastigando um padre-nosso pela alma do Coronel.

— E se ele não morreu?

Por via das duvidas, desrezou outro padre-nosso, de trás para diante para abortar o efeito do primeiro.

— Sim, só pode ser heresia rezar per alma de quem cá está ainda neste mundo.

De regresso, em companhia do Padre, esse falou.

— Que sol quente! Parece querer comburir tudo. A estrada poeirante, as arvores sem folhas, o passo tardo das cavalgaduras concorriam para premer no ambiente um quê pressagioso de desgraça.

Apunhalando o silencio, um galo cantou por tres vezes num poleiro proximo. Zé Rogerio fez o sinal da cruz, e disse ao Pa-

Sociais

Completo 80 anos, anteontem, a respeitável senhora Maria Silvinha Arraes. A aniversariante é mãe do Dr. José Arraes, Miguel Arraes, Alexandre Arraes de Alencar (finado) e Antonio Arraes.

O garoto José Arraes Ximenes, de 7 anos de idade, fez a 1ª. comunhão nesse mesmo dia, congratulando assim o octogésimo natalício de sua avó.

À anciã o nosso jornal tributa votos de felicidade, desejando-lhe o existir de mais anos.

Pensamentos ao Léu

(Especial para A CLASSE)

I

Boles com tantas pedras, que é preciso que a tua atividade se conheça. Tem cuidado, que um dia, de improviso, Uma Pedra te cai sobre a cabeça.

II

Mentes tanto! Não tens acanhamento! Quando falas, suponho que deliras! Mesmo a dizer verdades, num momento. — Penso que te achas a dizer mentiras!

CARLYLE MARTINS

dre:—

— Quando eu vinha o cavalo fez marmota quando passou aqui, agora o galo cantou fora de horas... só pode ser coisa ruim..

E concluindo—sou capaz de jurar como o Coronel morreu....

Morreu mesmo.

E o que é peior, sem confissão. Dona Senhora, porem, resolveu matar dois coelhos de uma só cajadada; aproveitou a ida do Padre duplamente:

— Enterrou o marido.

— Casou com Zé Rogerio.

“AS CATURRICES”

VISTAS POR MIM

Escreve: José Luenes de Almeida

Sempre li com vivo interesse as polémicas, de último, entre os dois interessantes jornais “Ecos da Semana” e “A Classe”, porque delas venho colhendo conhecimentos que me são verdadeiramente úteis. Pelo fato de nunca haver desprezado um ensinamento, quando certo, seja ele oriundo de qualquer natureza, vêz que a sua procedencia e o meio pelo qual ele se torna conhecido pouco importa para mim, agradeço pênhorado às “Caturrices” do Nuenes. Dado a esta circunstancia, aprovo-as como um sistema de ensino ás centenas de ignorantes das múltiplas questiúnculas da língua vernácula. Conservar um erro porque a sua correção é contrária á ética jornalística, como certos alegam, é uma falta imperdoavel, porquanto o jornal é fruto donde se extrai algo para o nosso saber, e não um órgão publicador de erros. Além do mais, a propria circulação do jornal aumenta, motivada pela ânsia natural que nasce no leitor, a fim de empregar acertadamente as tão menosprezadas regras gramaticais, como se evidencia no caso em questão. Porém, não supunha houvesse gente capaz de ferir a dignidade moral de algum dos controversistas, como, infelizmente, é o que se depreende da publicação intitulada “AO FANTOCHE DE” “A CLASSE”. O termo fantoche muito disse da educação de quem se dignou escrever aquele artigo publicado no jornal que defende (?) a coletividade. Fantoche é aquele que provoca risos. Portanto, um palhaço muito dessemelha de um individuo que luta em pról da cultura, num gesto benéfico e sem pretensão de magoar quem quer que seja. Depois do que já li, cheguei á conclusão de que poucos são os que discutem com inteiro Juízo critico com o Nuenes, esse elemento que ora concorre para a verificação, por parte de outrem, de tantas criticulces. Criticas sem p der já se fazem presentes, demonstrando a descortesia desprezível dos que se julgam, inexplicavelmente, ofendidos. O meu humilde parecer é que os redatores desses jornais revistem com um pouco mais

Fontes de Riquezas do Cariri

Naylé Fecioio

A região do Cariri, situado ao sul do Ceará e formada de um conjunto de municípios comercial e economicamente tributários entre si, tornou-se conhecida e famosa, desde as épocas mais recuadas, pela exuberante fertilidade do seu solo e por outras riquezas naturais que lhe atribulam os seus primeiros desbravadores.

As insistentes notícias da existência de abundantes minas, notadamente de ouro, provocaram a affluencia de grande número de pessoas, comissões e expedições que vinham com o fim de promover a exploração desse minerio. Decorrido algum tempo, porém, foi constatado que era inexequível a exploração das minas. Foi ai, então, que essa gente se devolveu aos trabalhos da agricultura em toda a zona circundada pela serra do Araripe e que forma a ubérrima região do Cariri, a qual, partindo de Norte a Sul, vem de Lavras da Mangabeira ao Crato e partindo de Leste a Oeste, vem de Jardim até os municípios de Santanópolis e Araripe.

Nos tempos mais remotos a maior fonte de riqueza da região já era a cultura do arroz, do milho e do algodão que se praticava em toda a extensão do vale. Depois veio a cultura da mandioca no chapadão do Araripe. E com a civilização da cana de açúcar em Pernambuco, tentaram se aqui, com extraordinários resultados, experimentações dessa cultura que hoje constitui o maior fator da nossa economia.

E ainda hoje, pelo menos no triangulo Crato—Juazeiro—Barbalha são essas mesmas culturas, apenas mais desenvolvidas, as principais fontes de riqueza do Cariri. Isso demonstra que pouco tem evoluído a nossa agricultura, desde as épocas primordias até os nossos dias.

de atenção as suas publicações, para não deixarem passar erros extraordinariamente injustificaveis. Erros que, ao alcance da minha diminuta intelligencia, não deveriam figurar num jornal que circula, se não

Continua na 4a. pág.

Caturrices

Cicrano não é um ídolo, um mecenas ou um crítico elegante, leal e consciencioso. É ele, sim, um filisteu das nossas letras, um homem que escreve laivosamente o seu idioma. No seu galgar de papagaio de albergue, não são poucas as incorreções em que incide. Ei-las:

“... Escondido *entre* a cortina rôta de...”

A prática dos bons escritores, contrariando a de Cicrano, ensina-nos que só se pode ficar entre duas ou mais coisas:

“...O estrênuo lutador na arena tormentosa dos que aprenderam, oscilando *entre* a ditadura e anarquia...” (Latino Coelho, Elogio Histórico de José Bonifácio, 122).

“...Embrenhados *entre* as sebes dos valados...” (Herculano, Eurico, 86).

“E esta...mal sobressai *entre* aquelas lombadas...” (Euclydes da Cunha, Os Sertões, 6).

“...Que *entre* as trevas e a luz vacilam curtos.” (Garrett, Camões, 18).

“...Ficam a *expiar*, indiferentemente, quem pagará...” *Expiar*, com *x*, é redimir, purificar. *Espiando*, com *s*, é como o fisco; *espiando*, sim, quem pagará pelas minhas caturrices.

“*Inferrujado*”, não. *Enferujado*, sim.

“Abuzaram”, com *z*, não seria *abusar* do uso dêste verbo?

“...E *estendem* as suas patinhas *CONTRA* o semanário...” “Não Cicrano,” as suas patinhas *estenda* para, a, por, sobre ou em; *contra*, não *esstenda*, porque essa regência contraria os modelos clássicos. Veja e aprenda:

“A dilatada cordilheira dos Nervasios *estende* para o lado

dos campos góticos”. (Herculano, Eurico, 123).

“O padre *estendia* conselhos por toda a paróquia”. (Apud J. Mesquita de Carvalho).

“*Estender* a beneficência a um grande número de desgraçados”. (Aulete).

No emprego do parêntese Cicrano retrata os seus parcos conhecimentos de gramática:

“Ficam indignados com os (lapsos) inevitáveis...” “Para os (maiores da fila) poderemos...” Não sabe ele que se emprega o parêntese para separar frases explicativas ou intercaladas no período: — “Tinha ela (a velha, não a barraquinha) uma filha”. (Herculano).

“Invazão, com *Z*, não. *Invasão* está bem.

“Rasguem à máscara...” O artigo *a* (adjunto restritivo, em análise) sem crase vai melhor.

Quanto a Traudel, êsse atinou mal a regência de Corroborar, em: “Elementos que corroboram *com* êsse seu proceder”. Isso de os elementos corroborarem o meu proceder, é fato que depende das minhas leituras. Corroborar *se com* (pronominal), está bem. Mas essa história de corroborar *com* reflete, notadamente, o pouco tino de Traudel no escrever português.

“Adquerindo (*adque*) cabedal: de conhecimentos...” Não é verdade. O que venho é adquirindo (*adqui*) cabedal de conhecimentos, sem pospor Dois Pontos a cabedal.

“Este jornal não tolera *puritanismo*...”

“...Com esse seu *puritanismo* amorfo...” O jornal de Traudel o que não tolera é *purismo*. *Puritanismo*? Ah, isso não é para mim, nem

para Traudel, porque não somos nós quem prega e pratica princípios áusteros, rígidos e puros. Até Mateus, que é mateus, optou pelo catolicismo, em vez de pelo *puritanismo*!...

“Nem tão pouco *classissimo*...” Não seria *classicismo*?

“Inimidível”. Além de haver muitos *iii*, há também uma negação a mais no *inimidível* (*mi*) de Traudel. Veja-se: *in-in-medível*. O *n* junto ao *m* cai por dissimilação. Ter-se-ia, então: *inimedível*, quando bastava que tivesse escrito: *imedível*. Mas o êrro grave está no *mi* do seu *inimidível*. É bom que ele consulte *medir*, *medida*, *medível*.

“Atingindo às raias da onisciência...” *Atingir* é um verbo transitivo, por excelência. Exs.:

“...E a destruição não atinge o princípio universal e comum.” (Machado de Assis, M. P. de Braz Cubas, 19).

“...As primeiras bategas despenhadas da altura atingem a terra.” (Euclydes da Cunha, Os Sertões, 37).

“E ao atingi-la...” (Julio Dantas, A Ceia dos Cardeais, 35).

“...Antes de atingir a forma atual.” (Maximino Maciel, Gramática Descritiva, 386).

Não se devem tomar por modelo frases em que aparece a preposição *a*. A regência *a* já está *incluída*, segundo autorizados dicionaristas e gramáticos, no verbo *atingir*.

“Êles, aqueles que (os que é como os escritores estilizados dizem) redigem o que você assina, estão lhe levando à alma”. (Não seria à *lama*?) Estão-no levando à, é que é certo. *No* é o objeto direto

Continua na 4a. pág.

Caturrices

Continuação da 3a. pág.

de *levando*, e à o objeto indireto.

Os acentos ortográficos grave, agudo e circunflexo, a crase e o parênteses não são sinais que se usem arbitrariamente no dorso de qualquer *ginete entusiasta*.

* * *

Não compreendo a razão de os moços de "E'cos da Semana" não mais quererem interferir em questões de linguagem, e, no mesmo jornal, arrastando a si a responsabilidade do periódico da *coletividade* Mateus ulula: "Não...! Não faça isto! ... Pode urrar com inteira liberdade. Apenas pedimos..."

Pedíssem-me "menos força na manivela" num papaguear decente, que eu não poria objeção a seus rogos. Mas numa linguagem tão churra como essa de "nessa comédia bufa..." ninguém pede favores.

Mateus, o "Multi-onto", prometeu escrever, depois do seu artigo "Deixo de caturrar o jornal da coletividade", tudo à moderna, isto é, de acordo com a ortografia de 1907. E' pena que ele não tenha escrito, já no seu trabalho, "tudo reformadinho, simplificaladinho, aparelhadinho". Quando Mateus adotar o vernáculo de 1907, certamente não mais escreverá *vae, egualdade,*

jornaes. E, se em vez da reforma ortográfica de 1907, êle preferisse a de 1912, então passaria a escrever "com 2 os verbos em *izar*, habitualismo tomado da lingua grega".

Diz Mateus que foi o grego a lingua que menos contribuiu para a formação do português.

E fala verdade. Mas não sei porque, conhecendo tão bem os fatos e introduções de vocábulos gregos em nosso idioma, escreve êle Platéia (téa), em vez de *Platéia* (téia), do Gr. *plateia*.

Nota-se a falta do pronome *O*, na frase de Mateus: "Mas será injustiça grossa deixar-nos sem os luzes de sua pleiade de professores que tanto têm feito sofrer". "Que tanto *o* têm feito sofrer", está melhor.

A respeito de "um dos que mais se julga", erro que por ser clássico, não deixa de ser crasso, apenas farei em resposta a inversão do periodo: "Dos que mais se *julga* com direito de fazer gramática, você é um". Se o assunto não estivesse já tão sem graça, revidaria a propositada incidência de Mateus com exemplos de Carneiro Ribeiro, Machado de Assis, José Veríssimo, Mário Barreto, João Francisco Lisboa, Ruy e Medeiros e Albuquerque.

Mas, não vale a pena obstar ao que papagaios velhos

galram. E' bem certo o que diz o anexam: "Papagaio velho não aprende a falar".

Lê-se em «A Ação»:

"...Que *n* e m todos *haja* ainda integralizado". *Hajam* integralizado, fica melhor. A função do verbo *Haver*, neste caso, é auxiliar. Por isso, flexiona-se.

"...No sentido de *vigiarem* mais cuidadosamente para a moral familiar que se estraga..." *Vigiar* pela ou por não seria português mais autorizado? Veja: "Quem melhor *vigiaria* por Hermengarda do que êsse homem que nela tem um testemunho..." (Herculano, Eurico, 263). O mesmo Herculano, no diálogo entre Pelagio e Eurico, poderia ter dito: "Quem melhor *vigiaria* pela virgindade de Hermengarda..."

Voltarei com as minhas caturrices, só no dia 10 de Janeiro. Nêsse interregno, calome. Que me arremetam críticas injuriosas, que me assaquem desonestidades no aludir a clássicos, que infundam à consciência do criterioso público cratense o meu desdém a personagens gradas. Alhearei de mim tudo isso, e ficarei *entre* o silêncio e papaguear dos mateus.

Nuenes Teixeira

ERRATA

Leia-se Euclides, em vez de Euclidas

As Caturrices...

Continuação da 2a. página

me engano, em vinte e uma cidades do interlandio Alencarino e que, por intermédio dele, naturalmente, é *avaliado o grau de cultura da Princesa do Cariri*. sem a

minima intenção de ofensa, fica consignado o meu protesto, na expectativa de que serei compreendido e apoiado por todos aqueles que prezam o que é certo e essencial à desenvolvimento cultural do Brasil.